

H. P. LOVECRAFT

POLARIS



FREE BOOKS

H. P. Lovecraft

POLARIS

Tradução de
Rogério Silvério de Farias

**Free Books
2024**

Sumário

Créditos.....	4
POLARIS.....	5

Créditos

Título: Polaris.

Título original: *Polaris*.

Autor: H. P. Lovecraft (1890 – 1937).

Tradutor: Rogério Silvério de Farias.

Ilustrações da capa e do miolo:

PS/Copilot-PS/Nasa.

Editora: Free Books Editora Virtual.

Ano de publicação: 2024.

Local de publicação: Salvador/BA.

© **da tradução:** Rogério Silvério de Farias.



POLARIS

O misterioso esplendor da Estrela Polar penetra pela janela norte do meu quarto. Durante todas as longas horas infernais de escuridão essa estranha estrela, também chamada Polaris, ali brilha. E no outono, quando os ventos do norte amaldiçoam e choram, e as árvores de folhas vermelhas do pântano murmuram coisas umas para as outras nas primeiras horas da manhã

sob a Lua minguante, eu me sento melancolicamente perto da janela e observo aquela estrela. Descendo das alturas, a brilhante Cassiopeia cambaleia conforme as horas passam, enquanto a Ursa Maior sobe lentamente por trás das árvores do pântano, encharcadas pela névoa, balançando sob o vento noturno. Pouco antes do amanhecer, Arcturus pisca avermelhadamente acima do cemitério na colina baixa, e a Cabeleira de Berenice brilha fantasmagoricamente ao longe no misterioso leste; mas ainda assim a Estrela Polar olha para baixo do mesmo lugar na abóbada negra, piscando horripelantemente como um insano olho observador que se esforça para transmitir alguma estranha mensagem, mas que não se lembra de nada, exceto que uma vez te-

ve uma mensagem a transmitir. Às vezes, quando está nublado, consigo adormecer em paz.

Bem me lembro da noite da grande aurora, quando sobre o pântano brincavam as chocantes coruscações da luz tremendamente demoníaca. Depois dos raios vieram as nuvens sombrias, e então, ali no quarto, eu caí no sono.

E foi sob a Lua minguante que vi a cidade pela primeira vez. Ela estava quieta e sonolenta, em um estranho planalto em uma cavidade entre dois picos estranhos. De mármore medonho eram suas paredes, suas torres, suas colunas, domos e pavimentos. Nas ruas havia pilares de mármore, cujas partes superiores eram esculpidas com imagens de homens de longas barbas

e circunspectos. O ar estava cálido e manso. E acima, a escassos dez graus do zênite, brilhava aquela Estrela Polar vigilante.

Por muito tempo olhei para a cidade, mas o dia não chegou. Quando a rubra Aldebaran, que piscava no céu, mas nunca se punha, rastejou um quarto do caminho ao redor do horizonte, vi luz e movimento nas casas e nas ruas. Formas estranhamente vestidas, mas ao mesmo tempo nobres e familiares, caminhavam por ali, e sob a Lua minguante os homens falavam de sabedoria em uma língua que eu entendia, embora fosse diferente de qualquer outra que eu já tivesse conhecido.

E quando a vermelha Aldebaran tinha rastejado mais da metade do caminho ao

redor do horizonte, havia novamente escuridão e silêncio.

Ao despertar, eu não era mais como antes. Em minha memória estava gravada a visão da cidade, e dentro de minha alma havia surgido outra lembrança mais vaga, de cuja natureza eu não tinha certeza. Depois disso, nas noites nubladas em que eu conseguia dormir, eu via a cidade frequentemente; às vezes sob aquela Lua minguante, e às vezes sob os raios amarelos quentes de um Sol que não se punha, mas que girava baixo ao redor do horizonte. E nas noites claras a Estrela Polar olhava de soslaio como nunca antes.

Gradualmente, comecei a me perguntar qual poderia ser meu lugar naquela ci-

dade no estranho planalto entre picos estranhos. A princípio contente em ver a cena como uma presença incorpórea e observadora, agora eu desejava definir minha relação com ela e falar o que pensava entre os homens graves que conversavam todos os dias nas praças públicas. Eu disse a mim mesmo: “Isto não é um sonho, pois por quais meios posso provar a realidade maior daquela outra vida na casa de pedra e tijolo ao sul do pântano sinistro e do cemitério na colina baixa, onde Polaris espreita pela minha janela norte todas as noites?”

Uma noite, enquanto ouvia o discurso na grande praça das muitas estátuas, senti uma mudança; e percebi que finalmente tinha uma forma corpórea. Nem eu era um estranho nas ruas de Olathoë, que fica no

planalto de Sarkis, entre os picos Noton e Kadiphonek. Foi meu amigo Alos quem falou, e seu discurso foi tal que agradou minha alma, pois era o discurso de um verdadeiro homem e patriota. Naquela noite, chegaram as notícias da queda de Daikos e do avanço dos Inutos, demônios amarelos, atarracados e infernais que cinco anos atrás surgiram do oeste desconhecido para devastar os confins de nosso reino e, finalmente, sitiar nossas cidades. Tendo tomado os lugares fortificados no sopé das montanhas, o caminho agora estava aberto para o planalto, a menos que cada cidadão pudesse resistir com a força de dez homens. Pois as criaturas atarracadas eram poderosas nas artes da guerra e não conheciam os escrúpulos de honra que impedi-

am nossos homens altos e de olhos cinzentos de Lomar de uma conquista implacável.

Alos, meu amigo, era o comandante de todas as forças no planalto, e nele estava a última esperança de nosso país. Nesta ocasião, ele falou dos perigos a serem enfrentados e exortou os homens de Olathoë, os mais bravos dos Lomarianos, a sustentar as tradições de seus ancestrais, que quando forçados a se mover para o sul de Zobna antes do avanço da grande camada de gelo (assim como nossos descendentes devem um dia fugir da terra de Lomar), valentemente e vitoriosamente varreram os peludos, de braços longos e canibais Gnophkehs que estavam em seu caminho. Para mim, Alos negou o papel de guerrei-

ro, pois eu era fraco e dado a estranhos desmaios quando submetido a estresse e dificuldades.

Mas meus olhos eram os mais aguçados da cidade, apesar das longas horas que eu dedicava todos os dias ao estudo dos Manuscritos Pnakóticos e à sabedoria dos Patriarcas zobnarianos; então meu amigo, desejando não me condenar à inação, me recompensou com aquele dever que era o segundo em importância. Ele me enviou para a torre de vigia de Thapnen, para servir como os olhos do nosso exército. Se os Inutos tentassem chegar à cidadela pela passagem estreita atrás do pico Noton, e assim surpreender a guarnição, eu deveria dar o sinal de fogo que alertaria os solda-

dos que esperavam e salvaria a cidade do desastre imediato.

Sozinho, subi na torre, pois todo homem de corpo robusto era necessário nas passagens abaixo. Meu cérebro estava dolorido e atordoado de excitação e fadiga, pois eu não dormia há muitos dias; ainda assim, meu propósito era firme, pois eu amava minha terra natal, Lomar, e a cidade de mármore de Olathoë que fica entre os picos de Noton e Kadiphonek.

Mas enquanto eu estava na câmara mais alta da torre, contemplei a Lua minguante, vermelha e sinistra, tremendo através dos vapores que pairavam sobre o vale distante de Banof. E através de uma abertura no teto brilhava a pálida Estrela Polar,

tremulando como se estivesse viva, e olhando de soslaio como um demônio tentador. Pensei que seu espírito sussurrava conselhos malignos, acalmando-me para uma sonolência traidora com uma promessa rítmica condenável que ele repetia várias vezes:

*“Dorme, observador, até que as esferas
Vinte e seis mil anos
Gire, e eu retorne
Ao local onde agora minha alma queima.
Outras estrelas em breve surgirão
No eixo dos céus;
Estrelas que acalmam e estrelas que abençoam
Com um doce esquecimento:
Somente quando minha ronda terminar
O passado perturbará o portal.”*

Em vão lutei contra minha sonolência, buscando conectar essas palavras estranhas com alguma sabedoria dos céus que eu havia aprendido nos Manuscritos Pnakóticos. Minha cabeça, pesada e cambaleante, caiu sobre meu peito, e quando olhei para cima novamente, era em um sonho; com a Estrela Polar sorrindo para mim através de uma janela sobre as horríveis árvores balançando de um pântano de sonho.

E ainda estou sonhando.

Em minha vergonha e desespero, às vezes grito freneticamente, implorando às criaturas oníricas ao meu redor para me acordarem antes que os Inutos roubem a passagem atrás do pico Noton e tomem a

cidadela de surpresa; mas essas criaturas são demônios, pois riem de mim e me dizem que não estou sonhando.

Elas zombam de mim enquanto durmo, e enquanto o inimigo amarelo atarracado pode estar rastejando silenciosamente sobre nós. Falhei em meu dever e traí a cidade de mármore de Olathoë; provei ser desleal para para Alos, meu amigo e comandante. Mas ainda assim essas sombras do meu sonho me ridicularizam. Dizem que não há terra de Lomar, exceto em minhas imaginações noturnas; que, naqueles reinos onde Polaris brilha no alto e a rubra Aldebaran rasteja no horizonte, não houve nada além de gelo e neve por milhares de anos, e nunca um homem, exceto criaturas

amarelas atarracadas, arruinadas pelo frio, a quem chamam de “Esquimós”.

E enquanto me contorço freneticamente em minha agonia e culpa, tentando salvar a cidade cujo perigo cresce a cada momento, e em vão me esforçando para me livrar desse sonho antinatural de uma casa de pedra e tijolo ao sul de um pântano sinistro em um cemitério na colina baixa, a Estrela Polar, a Polaris maligna e monstruosa, olha de soslaio para baixo da abóbada negra, piscando horrivelmente como se fosse um olho vigilante insano que se esforça para transmitir alguma mensagem estranha, mas que não se lembra de nada, exceto que uma vez teve uma mensagem para transmitir.





“Há várias noites, eu tive um sonho estranho com uma cidade estranha — uma cidade com muitos palácios e domos dourados, situada numa depressão entre cadeias de montanhas cinzentas e horríveis.... Eu estava — como já disse — visualmente consciente daquela cidade. Estava nela dela e em torno dela. Mas, com certeza, eu não tinha existência corpórea...”

H. P. Lovecraft

Free Books

<http://www.freebookseditora.com/>
